

# A Tecnologia como Contexto ou a Ordenação Informacional e Comunicacional do Mundo

**Fernando Ilharco**

Centro de Estudos de Ciências da Comunicação  
Faculdade de Ciências Humanas  
Universidade Católica Portuguesa  
Email: [www.ilharco.com](http://www.ilharco.com)

## Resumo

O universo gerado com as tecnologias de informação e comunicação (TIC) sugere as nossas acções e decisões no dia a dia, quer em termos individuais quer colectivos, constantemente e em profundidade – é a tese brevemente exposta neste artigo. Defendemos que o que define a nossa época é o facto de hoje na projecção do futuro assumida nas acções dos homens, aquilo que no fundo conta para nós mesmos, acontecer no terreno da informação e da comunicação tecnológica.

Este facto não se constitui apenas em uma novidade mais, por mais importante que possa ser, mas antes, por si só, porque a dimensão em que o fenómeno informacional é relevante é o terreno da comunicação, da linguagem e de todo o tipo de acção-com-os-outros que define o ser humano, ela, a nossa época, é uma transformação da experiência humana; isto é, é a transformação do mundo, é “um novo mundo” como intuitiva e ingenuamente ouvimos dizer por todo o lado. Trata-se, por isso, da ordenação informacional e comunicacional do mundo, da realidade, de tudo, porque hoje tudo nos surge no âmbito dessa tecnologicização do mundo.

## Palavras-chave:

tecnologia, comunicação, hiper-realidade, ontologia.

Enquanto um dos maiores batalhões de que há memória se vê e se deseja para solucionar o quebra-cabeças em que se transformou o relacionamento da estratégia organizacional – seja de uma empresa, de uma universidade, de uma cidade, de um país, de um planeta - com as novas tecnologias, esta mesma tecnologia não pára de penetrar a nossa vidas, individual e colectiva, colocando-nos como que a viver num outro mundo. Alguns números: desde os anos 1960, no mundo ocidental deverá ter sido destinado às TIC qualquer coisa como 10 triliões de Euros! Cerca de 2 milhões de milhões de contos! (estimativa nossa a partir de Landauer, T. (1995) e Gibbs (1997)) Hoje o ritmo dos investimentos e dos custos de manutenção em TIC, também para o mundo ocidental, deve rondar 1 trilião de Euros anuais – qualquer coisa como 200 mil milhões de contos. Esta realidade quantificada, mesmo que apenas quantificada,

intuitivamente diz-nos que vivemos uma imensa mudança, um enorme desafio.

O que parece estar a passar-se, neste caso como em muitos outros em que algo de genuinamente novo se aproxima, pode muito bem ser aquela primeira impressão que com o tempo é a primeira memória a ser esquecida e a última das últimas a ser pensada. Dia-sim-dia-sim utilizamos a expressão “outro mundo” para descrever o tipo de actividades em que estamos envolvidos com e na nova tecnologia. Quererá isto dizer que vale a pena pensar se a nova tecnologia é *outro mundo*? Se a nova tecnologia não tivesse nada a ver com *outro mundo* então porque é que aquela expressão seria tão utilizada para identificar o nosso envolvimento com mesma tecnologia?

Compreender o que se quer dizer com a expressão “outro mundo” é de alguma forma entrar no domínio dos traços essenciais da nova tecnologia. Assim, é necessário esclarecer o que entendemos pelo “mundo” da expressão “outro mundo” – já que “outro” quer dizer um qualquer, que não este. Toda a gente sabe o que quer dizer mundo... O ponto é explicitar isso mesmo que toda a gente sabe: o mundo. Tendemos a pensá-lo como algo do género da totalidade das pessoas, dos seres vivos, da natureza e das realizações do homem no planeta Terra. Talvez possamos pensar em tudo o que existe, estabelecendo implicitamente que o que existe é o que é actual. Tudo isto é questionável, embora possamos admitir que é mais ou menos isto que acima referimos o que nos ocorre quando pensamos naquilo a que se refere a palavra mundo. No entanto, na expressão acima referida algo distinto parece estar também implícito. Para falarmos de outro mundo, tendo em conta a interpretação de mundo acima referida, deveríamos estar a indicar outro planeta, que não esta Terra, ou talvez mesmo um outro universo, paralelo. Mas claro que não é isso que referimos. Aliás é precisamente o contrário: é

precisamente nesta Terra que algo nos colocou noutra mundo. E esse algo é a nova tecnologia de informação e comunicação, as TIC, as TIC que *TICaram* tudo, criando outro mundo. Ora que mundo, como mundo, é este novo mundo? A resposta é esta: é o mundo em que cada um de nós está imerso, como, parafraseando McLuhan e Heidegger, o peixe está na água; isto é, o mundo é o envolvimento único e singular que cada um de nós tem e é na totalidade do que existe, ontem, hoje e amanhã, e que faz de cada um de nós o ser, o ir sendo, que somos.

No mundo, o mundo é o que para cada um de nós conta. É o envolvimento que temos, são as práticas e os comportamentos que corporizamos, os significados que as coisas revestem, as possibilidades que a cada momento se levantam e esgotam. A existência do mundo, deste mundo que já-e-sempre conhecemos, é tão esmagadora e óbvia que raras vezes a questionamos. A exceção acontece quando surge algo que transforma este mundo; algo que muda a forma como vivemos o dia a dia, que altera os comportamentos, que questiona objectivos, que abre novas possibilidades e que esquece a tradição, as rotinas e os costumes, criando novos envolvimento e novas projecções de nós mesmos para nós próprios. Isto é o que é o 'outro mundo' que agora nos surge pelos caminhos da nova tecnologia. Desta forma compreende-se o que se quer dizer com o facto das TIC nos terem colocado noutra mundo.

### **A Ordenação Partilhada**

Se para compreender o que são as TIC questionarmos o que na sua essência é a tecnologia, é a informação, e é a comunicação, reveladoramente chegaremos ao mesmo tipo de conclusão: todos estes fenómenos são um mundo.

A essência de toda a tecnologia é a ordenação em prole da eficiência, como Spengler, Heidegger, Ellul, entre outros, longa e profundamente a pensaram. Dessa forma, o mundo transforma-se – aliás transformou-se – num/no manancial de recursos disponíveis para aquele mesmo processo de ordenação. Quanto à informação, a generalidade da investigação tende a admitir que se trata da geração de significado, ou de algum tipo de fenómeno intimamente relacionado com o significado: a informação é o significado que se dirige à acção, ou como referiu Bateson, a diferença que faz a diferença. A comunicação, por seu lado, pode ser tomada em termos basilares, no âmbito do significado e da linguagem, como o emergir de uma comunidade de elementos fundamental e essencialmente ajustados e acoplados uns aos outros – na linguagem, na auto-consciência e no cuidado, essa comunidade é humana.

Tomando as noções acima como bases, como entender então o sentido da junção das expressões — tecnologia, informação e comunicação? Entende-se: ordenação partilhada do significado. A tecnologia de informação e comunicação, na sua essência, é a ordenação partilhada de significados. Esta ordenação é uma padronização, uma globalização, que se dirige ao entendimento humano, indo assim directa ao mundo em que cada um de nós vive. Em termos essenciais, isto é, conforme à forma como aquele fenómeno toma parte no mundo, as TIC visam substituição um mundo por outro. Ora é precisamente isso que todos os dias nos damos conta quando dizemos “este telefone, este jogo, este computador... é de outro mundo”. Um mundo, isto é, não apenas instrumentos, mas também, e porventura, mais fundamentalmente, uma revelação, um horizonte infinito de significado. Ora o que isto quer dizer, e voltando ao início deste artigo, é que o que em termos fundamentais deve de ser alinhado é a estratégia com a tecnologia e não a tecnologia com a estratégia, porque de pouco serve um

superior alinhamento da tecnologia com uma estratégia concebida para outro mundo que não aquele em que agora se está imerso – um mundo em que a própria tecnologia, as suas possibilidades e potencialidades, se constitui como contexto, bem no sentido em que Baudrillard teoria o simulacro da hiperrealidade.

O carácter virtual da nova realidade, a chamada realidade virtual, é no entanto uma subtilidade. A realidade sempre foi virtual, escreve Castells (2000, p. 403; tradução nossa): “a realidade, experimentada, foi sempre virtual porque sempre foi percebida através de símbolos, enquadrando a prática em determinados significados, que escapam a uma estrita definição semântica.” O real é o seu significado. O que as coisas são é o que elas significam e o que elas significam é o que conta na vida em que cada um de nós está imerso. Virtual ou real tudo está suspenso na imensa e surpreendente rede de significados. A percepção do real depende, como defendeu McLuhan (1994, 1995), da estrutura da informação, isto é, do modo como os sentidos humanos são utilizados e equilibrados na utilização dos diversos media ao longo da história. “O que é tudo senão o que pensamos de tudo?”, questionava Pessoa (1980: 55). O que a maioria das aplicações das novas tecnologias está a fazer é a alterar a tradição de agir e entender o dia a dia.

## **A Substituição de Mundos**

A tecnologia industrial e a da informação são uma emanção da visão científica do mundo e têm as suas origens no projecto Iluminista, iniciado no século XVII por Descartes, Rousseau, Kant, Mill, Darwin, Spencer entre outros. O Iluminismo manifestava-se contra a superstição, o dogmatismo e a aceitação ingénuo da tradição. A objectividade que apregoava, que herdámos até ao nosso tempo, consiste na obtenção de um conhecimento conceptual e claro,

nada podendo aceitar-se que a razão não pudesse verificar pela experimentação. Desta forma, a razão do homem torna-se o tribunal final. Toda a verdade encontra a sua validação nas operações de reflexão da mente humana. O homem pode ser senhor do seu destino: está face a face com a verdade. O conhecimento do mundo – conhecer como as coisas acontecem – habilita-o a ser livre e feliz. Assim, as coisas são entendidas em função das suas causas e não em razão do seu porquê; possivelmente, é por isso mesmo que essa visão triunfou – hoje, para compreender o mundo primeiro científicamo-lo, reduzimo-lo a instâncias passíveis de serem captadas pelo método científico. Se a linguagem é o que faz homem o homem, a ciência e a tecnologia, com a devida cautelas e modéstia, tem vindo a fazer o homem moderno aquilo é.

O projecto tecnológico de entendimento do mundo – ou o império de fazer sentido do mundo pela/através/com a tecnologia – está hoje mais forte que nunca. A linha da frente é a investigação em novas ciências, os desenvolvimentos nas tecnologias de informação e de comunicação, nas telecomunicações, a globalização como *background* de entendimento da realidade e, obviamente, os Estados Unidos da América e todas as entidade de alcance global – jurídicas, económicas, culturais, legais ou ilegais. A sua essência é a ordenação e o controlo; a eficiência do mundo como processo ordenável, por isso, observável e escrutinizável em permanência pela informação e pela comunicação, respectivamente. Esta ordenação é recebida, apreendida e implementada pela tecnologia; pela tecnologia industrial e agora pela tecnologia de informação e de comunicação. O objectivo da tecnologia, como aplicação da ciência, é, refere Heidegger (1977), a ordenação cada vez mais flexível, extensiva e eficiente de todo o tipo de modos de existir, identificados como recursos desse mesmo processo de ordenação. O conceito de recurso implica em si mesmo a noção da sua utilização num processo controlável. Esse processo é o

projecto tecnológico cujos sucessos e desenvolvimentos auto-legitimam a essência da própria tecnologia: um mundo inteiramente ordenado, controlado, previsível e gerível; mais, como referimos noutra texto, um mundo substituído (Ilharco 2002). Desta forma, tanto as coisas como as pessoas, são medidas peça a peça, são fragmentadas, avaliadas face a objectivos instrumentais, alteradas, decompostas, copiadas, melhoradas e transformadas.

A recente revolução da tecnologia – os computadores e as telecomunicações - assenta já na aplicação de outro tipo de ciência que não a matemática: a física quântica, que rompe com cânones da ciência tradicional. Assim, o que une a ciência newtoniana à ciência quântica é a um terceiro domínio: o do entendimento tecnológico da existência. Desse pacote, como se pode ver pelas notícias que vão surgindo na imprensa mundial, faz também parte a imortalidade. O objectivo final do projecto tecnológico é – ou antes liga-se a – nem mais nem menos do que a substituição da realidade real por uma outra realidade, também ela real mas desta vez criada pelo homem. Neste ponto tocamos o “outro mundo” acima referido. A globalização pode ser precisamente a primeira consequência de peso de algo nascente no domínio da nova tecnologia. Algures, na evolução da tecnologia industrial e das TIC, poderá existir uma metamorfose na essência tecnológica; algo que se revela, porque escondido, ou algo que pura e simplesmente nasce de novo. Se a essência da tecnologia industrial era a ordem, o controlo e a previsão, a essência da nova tecnologia poderá estar já algo além. A nova tecnologia poderá ser já entendida em plenitude não no conceito de ordem mas no de domínio, não do conceito de controlo mas no de substituição. A evolução da essência tecnológica visa tornar o mundo disponível para a modelação dos homens. Assim, somos confrontados com um percurso tecnológico linear, do Iluminismo à globalização, o que nos faz questionar se a essência da tecnologia, e mesmo da ciência, e

porventura do próprio Iluminismo, não terá sido sempre a de substituir a realidade (Ilharco 2002). Trocar um mundo em que o homem é o segundo, segundo a chegar e segundo a determinar as condições, por um mundo em que esse mesmo mundo vem depois, porque é o homem que o cria. A globalização isola esse mesmo mundo: definindo-o, delimitando-o, colocando o mundo no espaço, para ser analisado, modelado, observado pelo homem, isto é, pela distância da razão humana. Neste enquadramento, o homem coloca-se fora do mundo, como que omnipresente no espaço e no tempo, *fora da história* – onde Baudrillard (1998) aponta residir a essência do projecto americano, ou onde Fukuyama (1992) indica assentar o presente/futuro. O mundo é o globo que o homem vê a partir de nenhum ponto preferencial. Assim, a globalização é olhar o mundo a partir do espaço e não da nossa rua. Nos mercados, na política, na tecnologia, essa é a forma de hoje fazer sentido do mundo. Basta olharmos a imprensa nacional e internacional e constatar que a fotografia típica da época é o globo no espaço. Mas tirando meia dúzia de astronautas nunca ninguém viu naturalmente, *atecnologicamente*, essa imagem. Trata-se de uma imagem essencialmente tecnológica, típica e fundadora da nossa época. Trata-se da imagem da forma de hoje fazer sentido da existência. A globalização, por isso, não é um fenómeno dos mercados, da economia, da política ou mesmo da cultura, antes é o aspecto, a perspectiva, a revelação que marca a presente época. Uma época em que o homem se lançou decisivamente à conquista das condições de vida no mundo. Com o projecto tecnológico, essencialmente, o homem quer trocar um mundo em que impera o acaso por um mundo em que impera a ordem, bem na linha do que Hardt e Negri (2000) referem.

Esta nova realidade visa no limite substituir a realidade que é entendida como real. O que de facto está em causa não é menos do



que a substituição do mundo, como mundo que é hoje – ou mais rigorosamente que foi, ontem – por um mundo em que o homem constrói e reconstrói a sua própria humanidade. Ao mudar a forma como intuitiva, natural e intimamente entendemos o mundo, é a própria natureza do homem que está em causa. Se assim for, se as TIC são um desafio ontológico, então nada há de mais essencial na natureza humana do que o que tem estado e está em causa no avanço das novas tecnologias. Este desafio, essência da essência da tecnologia, é apontado por Heidegger (1977) como “o perigo” – o perigo – submetemos nós – de nos tornarmos, nós homens, naquilo que essencialmente não somos.

É esta substituição de contexto, de mundos, que parece estar a correr. Hoje o convencional é ser anti-convencional. Todos temos alguma coisa a dizer contra a tradição, os costumes e os pesos pesados da história. Habitúamo-nos a um novo mundo onde a história do passado recente, nomeadamente no que respeita a dois dos seus mais relevantes pilares, a guerra-fria e a polarização esquerda-direita, surge ultrapassada e estranhamente distante. O que vertiginosamente se ergue é uma tecnologia que passou a fazer parte do que está sempre-e-já presente, a tomar o papel que a natureza sempre tem desempenhado no mundo. A tecnologia como entendimento, como resposta, é assim também parte do problema. Parte da solução e parte do problema: é a tecnologia. Por isso a tecnologia, em termos essenciais, não tem nada de neutral ou instrumental. Como estabelece a primeira lei da tecnologia segundo Melvin Kranzberg, a tecnologia não é boa nem má; e também não é neutra (Kranzberg e Pursell 1985 e 1993; Kranzberg 1975).

A tecnologia transporta em si mesma uma visão do homem, mudando substantivamente o mundo e modelando o significado de ser humano. Neste quadro, a tecnologia contemporânea traz algo de novo na relação do homem com o mundo, porque o estádio em que

hoje estamos a revelar como um projecto ontológico, em que por isso tudo o que há de mais essencial no homem está em causa. Em 2002 em Lisboa, Sidney Brenner, Nobel da Medicina, disse o seguinte: “nas fronteiras da ciência e da tecnologia, nos laboratórios da Califórnia, a vanguarda das vanguardas está à procura, claro, ... da imortalidade” (Brenner 2002). Surpreendentemente, a condição mortal dos mortais está lenta mas quem sabe se decisivamente a ser erguida como objecto da ciência. Já não da magia ou do cinema, mas da própria ciência que entre nós se assume e é assumida como o mais sério do que há de mais sério. “Não está cientificamente provado que uma pessoa tenha que morrer”, referiu o cientista português, radicado na Suécia, António Lima-de-Faria (*Expresso*, “Única” 2003:68) no Verão de 2003. A extensão da vida, a sobrevivência da consciência, a preservação do corpo, a eterna juventude, a imortalidade, tudo faz parte do pacote da mais que provável próxima grande revolução, o cruzamento das actuais nanotecnologia e genética com uma nova geração de hardware e de software.

## **A Intencionalidade Total**

Então, questionemos metaforicamente: se a nova tecnologia fosse um ser vivo, o que seria ela? Um monstro? Um gigantesco dragão? Bailando e tudo tocando pelo mundo? Não com uma mas com cinco cabeças? E qual seria a sua cabeça mais visível? A instrumentalidade, obviamente. Mas esta instrumentalidade é apenas a expedição inicial de um fenómeno mais vasto, o qual que à medida que instala o seu mundo se vai revelando nas suas múltiplas e surpreendentes facetas. Mas se as tecnologias de informação e comunicação não são, ou não são apenas, um instrumento – ou seja biliões de instrumentos – então, questionaremos, elas são o quê? Se de um dragão se tratasse, quais seriam as suas outras cabeças? Se a

nova tecnologia não é apenas um instrumento, então o que mais pode ela ser? Neste artigo propomos mais quatro possibilidades além da instrumentalidade: uma infra-estrutura (ver, por exemplo, Ciborra 1998: 305-327 e Ciborra 2000; Coombs 1997); um novo sector da economia (ver, por exemplo, Chakravarthy 1997; Kalakota e Robinson 2001); um contexto; um *background* ontológico de entendimento humano (sobre estas duas últimas noções ver, por exemplo, Heidegger 1977; Borgmann 1984 e 1999; Giddens 1999; Ilharco 2002).

Além da instrumentalidade, as três primeiras dimensões – um sector, uma infra-estrutura e um contexto – podem ser captadas e detalhadas no âmbito de epistemologias mais correntes, pressupondo ontologias eminentemente cartesianas ou aristotélicas. A quinta dimensão, a tecnologia como *background*, ou seja como retaguarda de entendimento, de pressupostos sobre o ser, só pode ser acedida no domínio da própria ontologia. Isto porque a retaguarda, *como* retaguarda, não se colocando por isso como objecto da nossa análise, é sempre e já uma base, uma fundar da própria fundação, que tudo sempre-e-já condiciona; ela, a retaguarda, é a aproximação e a revelação do que existe, o que óbvia e intuitivamente tem tudo a ver com a tecnologia de informação e comunicação.

A nova tecnologia como infra-estrutura é um conjunto de hardware, software, redes, práticas, conceitos e técnicas, já formado mas também em constante desenvolvimento e alteração. Novos e velhos sistemas coexistem. Novos comportamentos emergem. Certas práticas são impostas e outras são simplesmente assumidas transparentemente. As infra-estruturas não são inteiramente controláveis – mudam e deslizam (Ciborra 2000). São no entanto uma base determinante para o que se faz ou pode vir a fazer de uma forma intencional ou não.

Como contexto a tecnologia é fundamentalmente o conjunto de padrões de actividade de milhões e milhões de entidades. Ela possibilita, sugere e modela tendências pesadas. Telegraficamente, as TIC estão intimamente relacionadas – de formas pesadas e profundas, cujo espaço deste texto não nos permite obviamente desenvolver –, ora como causa ora como efeito, com a globalização, com as concentrações empresariais, com as alianças e as redes, com a mobilidade, com a emergência de um novo sector da economia, com a baixa continuada dos preços dos produtos e dos serviços, com o inglês como língua planetária, com o aumento da esperança de vida, com novos modelos de trabalho e de emprego, com a efeminização do trabalho/sociedade, etc.

Como *background* a tecnologia é sobretudo uma fundação, um fundar, um desencobrir, um surgir, que nos revela o mundo. As possibilidades da tecnologia, em termos de comunicação no tempo e no espaço bem como em termos de agregação da actividade humana sobre as suas potencialidades e direcções, não interferem apenas na natureza específica de cada momento, actividade ou situação, porque, mais importante, se constituíram, elas mesmas, nos fundamentos e critérios face aos quais as situações, os problemas, as soluções e as acções emergem enquanto elas mesmas. Por exemplo, a corrida à gestão do conhecimento resulta do facto de (i) a tecnologia ter criado, alavancado e apoiado o surgir de uma sociedade global em que nos mercados a oferta é estruturalmente superior à procura; e de (ii) a tecnologia se ter colocado onde hoje está e aliás sempre esteve: na criação de mais e mais conhecimento. À primeira vista, procura conhecer-se, detalhar e antecipar o cliente actual e potencial: mais conhecimento sobre o cliente – CRM, *data mining*, *business intelligence*, etc. – porque não há clientes que cheguem para todos... No fundo persegue-se uma fórmula simples: conhecimento para diminuir a insegurança; a tecnologia visa o

mesmo e a comunicação também; veja-se, por exemplo, o modelo de transmissão de informação e/ou da comunicação de dados de Shannon e Weaver (1949), as teorias da comunicação da redução da incerteza (Berger 1987), a aproximação à organização como sistema de informação (Weick 1979), a teoria do agendamento (McCombs e Reynolds 2002). Assim, pode dizer-se, que a tecnologia tem por sinónimo o desenvolvimento e o progresso. E o que é o progresso? Nietzsche, por interposto tema, respondeu: “o progresso é um dia, na Europa, poderemos não mais ter medo de nada” Nietzsche (1973: 124 nº 201) – e é este o mundo final, ambicionado, da tecnologia.

Concluindo, a informação sempre foi o ambiente humano. Sendo a sociedade da informação caracterizada pela informação, ela é o tipo de sociedade em que aquilo que a marca mais é precisamente a alteração desse ambiente informacional, ou seja, do real, do mundo. Hoje, a chamada sociedade da informação, como ontem a era industrial ou a agrícola, está *a priori* e decisivamente unida por uma intencionalidade total e fundadora, protagonizada pelas acções dos homens no mundo, no âmbito da qual surge informacionalmente como surge tudo que surge. Relembremos Merleau-Ponty (1962: xviii-xix):

“[It is] that which produces the natural and antepredicative unity of the world and of our life, being apparent in our desires, our evaluations, and in the landscape we see (...). Whether we are concerned with a thing perceived, a historical event, or a doctrine, to ‘understand’ is to take in the total intention - not only what these things are for representation (the ‘properties’ of the thing perceived, the mass of ‘historical facts’, the ‘ideas’ introduced by the doctrine)—but the unique mode of existing expressed in the properties of the pebble, the glass or the piece of wax, in all the events of a revolution, in all the thoughts of a philosopher. It is a matter, in the case of each civilization, of finding the Idea in the Hegelian sense, that is, not a

law of the physico-mathematical type, discoverable by objective thought, but that formula which sums up some unique manner of behaviour towards others, towards Nature, time and death: a certain way of patterning the world (...) [C]hance happenings offset each other, and facts in their multiplicity coalesce and show up a certain way of taking a stand in relation to the human situation, reveal in fact an *event* which has its definitive outline and about which we can talk. (...) We must seek an understanding from all these angles [ideology, politics, religion, economics] simultaneously, everything has meaning, and we shall find this same structure of being underlying all relationships."

O que define a nossa época é o facto de hoje na projecção do futuro que as acções dos homens assumem, aquilo que conta, a diferença, a inovação, o génio e a acção revolucionária e violenta que escreve o curso da história, acontecer no terreno da informação. Este facto não se constitui apenas em uma novidade mais, por mais importante que possa ser, mas antes, por si só, porque a dimensão em que o fenómeno informacional é relevante é o terreno da comunicação, da linguagem e de todo o tipo de acção-com-os-outros que define o ser humano, ela, a sociedade da informação, é a transformação da experiência humana no/do mundo; isto é, é a transformação do mundo, "um novo mundo", como intuitiva e ingenuamente ouvimos dizer por todo o lado. Trata-se por isso, como hoje podemos intuir face aos milhões e milhões de computadores, de televisões, de telefones, aos desenvolvimentos da globalização, aos avanços da genética, da biotecnologia e de um crescente número das chamadas novas ciências, de uma ordenação informacional e comunicacional do mundo, da realidade, de tudo, porque tudo nos surge no âmbito da tecnologicização do mundo.

Obviamente, esta ordenação informacional e comunicacional do mundo é um essencialmente um entendimento informacional da

história e do futuro. Mas é precisamente este tipo de alteração de entendimentos que tem terminado velhas e originado novas eras. A era da informação colocou no centro do seu destino o fenómeno informacional; em certa medida, a nossa era descobriu a própria informação. Parafraseando Aristóteles, no tratado *Metafísica*, a informação, fenómeno tão antigo como o ser, manifesta-se de muitas e variadas formas. Estranho é que esse fenómeno, básico e determinante, tenha estado esquecido até hoje. Não é exagero afirmar-se que em boa medida a informação esteve esquecida até 1948, quando Shannon, investigador norte-americano nos laboratórios Bell, propôs uma modelo teórico sobre a transmissão de dados nas linhas telefónicas, o qual ficou conhecido como a teoria da informação. Esta teoria, ainda hoje de grande influência nas ciências da informação e da comunicação, em boa parte uma consequência do domínio que até então tinham os modelos matemáticos das ciências exactas sobre as ciências sociais e humanas, ao isolar o fenómeno da informação veio implicitamente sugerir o entendimento da comunicação como a transmissão da informação, o que evidentemente anula o papel fáctico, de ajustamento e de fundação que a comunicação tem na experiência humana – se a informação se equivale, ou aponta para o fenómeno do ser, então pode dizer-se que a comunicação aponta, ou se equivale ao fenómeno da vida. Ao subentender a comunicação entre diferentes como a transmissão de informação, objectiva e relevante, o entendimento informacional shannoniano está na base de muitas das clivagens e conflitos no mundo contemporâneo. E este é também um desafio para a sociedade que sendo da informação não é necessariamente uma sociedade mais informada.

A sociedade da informação, a nossa, tem como essência a tecnologia, uma tecnologia que, ao contrário de toda a tecnologia que a precedeu, interfere na comunicação que fez e faz do homem,

homem. Assim, a questão de fundo da sociedade da informação é um desafio ético e moral profundo, porque, em rigor, numa perspectiva tanto histórica como ahistórica, o projecto renascentista, iluminista, shannoniano e microsoftiano de colocar o destino do Homem nas suas próprias mãos nunca foi tão longe como nos dias de hoje – e o mundo em que hoje nos encontramos é a prova provada de que nunca se sabe o que se pode encontrar no futuro.



## Referências:

- Baudrillard, Jean (1998) *America*, Verso, Londres e New York
- Berger, Charles (1987) "Communication under Uncertainty", in Rolloff e Miller, eds. *International Processes: New Directions in Communication Research*, Sage, Newsbury Park, Canada, pp. 39-62
- Borgmann, Albert (1984) *Technology and the Character of Contemporary Life: a Philosophical Inquiry*, The University of Chicago Press, Chicago e Londres
- Borgmann, Albert (1999) *Holding On to Reality: The Nature of Information at the Turn of the Millenium*, The University of Chicago Press, Chicago e Londres
- Brenner, Sydney (2002) conferência; citação traduzida pelo autor a partir da consulta do registo sonoro da conferência, Fundação Gulbenkian, Lisboa
- Castells, Manuel (2000) *The Network Society*, Blackwel, Londres
- Chakravarthy, Bala (1997) "A New Strategy to Cope With Turbulence", *Sloan Management Review*, 1997 Winter
- Ciborra, Claudio (1998) "From tool to *Gestell*", *Information Technology & People*, Vol. 11, n.4
- Ciborra, Claudio (2000) *From Control to Drift*, Oxford University Press, Reino Unido